

Recensão

Igreja e Poder em Santa Catarina

Élio Cantalício Serpa
Ed. da UFSC, Florianópolis, 1997, 246p.

Rogério Luiz de Souza*

A pesquisa histórica, através de seus múltiplos olhares sobre os mais diversos e possíveis objetos de investigação, vem sistematicamente se debruçando sobre o fenômeno religioso. Nas últimas décadas, o interesse pelo tema vem ganhando maior espaço dentro da academia, uma vez que se aceitou a premissa de que as instituições religiosas, assim como as próprias práticas religiosas, são partes significativas e estruturantes da realidade política, econômica e sócio-cultural das sociedades. Para a nova geração de historiadores que caminha nesta direção, no entanto, este objeto requer um conteúdo teórico-metodológico que seja capaz o bastante de lhe assegurar o necessário grau de cientificidade e de lhe garantir a percepção dos possíveis desdobramentos sociais e a interpretação coerente dos fatos históricos.

E é exatamente este o esforço do autor de *"Igreja e Poder em Santa Catarina"*, Élio Cantalício Serpa, Professor do Departamento de História da

UFSC, Florianópolis, quando opta por não fazer uma recomposição generalizadora das fontes empíricas, buscando sair de uma narrativa meramente informativa. Seu interesse primeiro, fundamentado nos conceitos da Antropologia, da Sociologia e da Crítica Literária

*"Recolocando
'heróis', 'antístites',
'políticos',
'fanáticos' e
'excluídos' como
sujeitos relacionais
de um mesmo
processo histórico"*

(M. Weber, B. Baczko, N. Elias, Castoriadis, M. Bakhtin, R. da Matta), é resgatar um passado nas suas tramas e nos seus conflitos sociais, mostrando as redes de relação, as resistências e as sobrevivências

culturais. Assim, a sua narrativa histórica segue uma via interpretativa das fontes, recolocando "heróis", "antístites", "políticos", "fanáticos" e "excluídos" como sujeitos relacionais de um mesmo processo histórico. Deste modo, influenciando-se reciprocamente, estes sujeitos mostram-se capazes de elaborar uma história particular de anseios, de comportamentos e de imaginários sociais.

Neste sentido, o autor delimita o seu trabalho, originalmente apresentado como tese de doutoramento em História, "dentro do conjunto das relações entre elites locais dirigentes, Igreja Institucional e a cultura das camadas populares" (p. 09) nos redutos de povoamento luso-brasileiro, especificamente, Desterro/Florianópolis, Laguna e Lages, no período compreendido entre 1889 a 1920, momento em que o país passava por um processo de transição político-religiosa (formação da República; separação Igreja-Estado). Para atingir tal intento, utilizou uma documentação variada (correspondências, atas de irmandades, livros-tombos, periódicos, discursos, boletins eclesiásticos, memórias e cartas pastorais) o que exigiu, com certeza, uma pesquisa séria e minuciosa. Não obstante, procurando aproveitá-las de modo duplo, leu estas fontes no sentido tradicional, enquanto descrição histórica, mas leu-as também na contramão, em busca de revelações conflituosas, de heterogeneidades culturais e, especialmente, de mentalidade popular. Assim, a dupla leitura a que o autor submeteu as fontes, espelha-se nas recentes preocupações da pesquisa histórica, a partir das quais ele tenta decifrar, nas entrelinhas do texto, o contexto sócio-cultural da realidade polissêmica.

Partindo daí, o autor de *"Igreja e Poder em Santa Catarina"* vai perceber a insistência da alta hierarquia católica (D. José de Camargo Barros, D. Duarte Leopoldo e Silva, D. João Becker e D. Joaquim Domingues de Oliveira) em reavivar o espírito cristão de acordo com o projeto do catolicismo romanizado e europeizante, visualizando nestas propostas um processo de remodelação dos costumes e hábi-

tos culturais, exigidos pelo processo de produção capitalista e requeridos pela própria elite dirigente como forma de estabelecer os critérios de distinção e diferenciação social dentro de um ideal de nação civilizada. Além disso, serve-se desta percepção da realidade histórica catarinense como um "pré-texto" para aprofundar questões como: conduta social e violência institucional.

Por outro lado, a obra de Élio Serpa quer mostrar também a força do imaginário religioso do catolicismo popular como ordenador das aspirações e mantenedor dos traços culturais e das tradições, oposto à visão de mundo moderno gestado nos interesses das elites locais e da Igreja romanizada.

Para atingir este propósito, o autor divide sua pesquisa em quatro capítulos. O primeiro capítulo "Igreja: festas e poder" mostra a tentativa da Igreja Oficial em implementar um catolicismo romanizado a partir da redefinição simbólica das práticas devocionais e, também, as manifestações religiosas do catolicismo popular (promessas, benzeduras, procissões, devoções aos santos) que alimentaram esperanças coletivas e que ajudaram a superar dificuldades e carências. No segundo capítulo "Bispos, elites e catolicismo popular", o autor busca nas fontes as relações estabelecidas entre Igreja e Estado (elites locais) com o fim último de fazer valer uma nova "sensibilidade religiosa", preocupando-se com os padrões culturais europeus e criticando comportamentos considerados indesejados (devoções e práticas populares). O terceiro capítulo "Da Alemanha para o Sul do Brasil: a prática dos franciscanos e dos padres seculares", mostra a interferência das ordens e congregações religiosas na consolidação do catolicismo romanizado, o relacionamento com as elites locais e os espaços de diálogo (escolas, associações, jornais) criados por elas a fim de diferenciar grupos sociais e difundir valores e condutas compatíveis com as novas aspirações modernizadoras. O quarto e último capítu-

lo "Reações ao clero alemão e resistências à reformulação das manifestações religiosas populares", analisa as reações à Igreja e ao clero alemão a partir da imprensa anticlerical ("O Clarão"), mostrando os conflitos étnicos e o processo de apropriação de capelas e irmandades, além de resgatar as visões de mundo dos sujeitos históricos e revelar as resistências da tradição cultural-religiosa.

Enfim, "Igreja e Poder em Santa Catarina" ultrapassa a história institucional, chegando até mesmo a fazer uma crítica às abordagens descritivas que não revelam as relações de conflito entre os grupos sociais. Trata-se, pois, menos de um estudo sobre a História da Igreja em Santa Catarina, embora enfatize em alguns momentos sua organização e estruturação,

do que sobre o confronto entre os códigos morais e sociais definidos pelos representantes da Igreja Oficial e da elite dirigente local e as práticas populares na inauguração do novo regime político republicano: tempo de transição, tempo de busca de distinções sociais, tempo de afirmação das instituições políticas e religiosas.

"A obra de Élio Serpa quer mostrar também a força do imaginário religioso do catolicismo popular"

* Professor Assistente do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina e Doutorando da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Igreja em Santa Catarina

O Discurso Católico em Santa Catarina e a fabricação da Consciência Oprimida na Relação de Trabalho (1945-1960)

Rogério Luiz de Souza*

Situar, hoje, as nossas condições de vida ou os nossos critérios de cidadania, sujeitos às manipulações, por exemplo, de uma indústria televisiva, requer uma apreciação atenta do processo formador do homem brasileiro nas suas relações sociais de vida e nas suas atividades produtivas.

Assim, ao tomarmos, metodologicamente, estes elementos como objetos de uma produção discursiva, que nos propõem também critérios históricos bem definidos¹, seremos capazes de apreciar, dentro de cada temporalidade e de sua manifestação discursiva, o que foi utilizado, o que ficou esquecido e o que foi transformado neste processo de representação. Por-

tanto, não é mera retórica acadêmica, percebermos que a estrutura presente se faz na aquisição ou, se assim preferirmos, na destruição simulada dos resquícios impulsionadores do passado.

O caráter histórico de nossas vidas é o resultado reelaborado dos sintomas omissos de nossas instituições e de nossas consciências, manipulada ou deliberadamente, abertas ou fechadas, que se deglamiavam na busca por um despertar crítico e que por vezes se vêem, tolerantemente, abafadas por uma "violência institucionalizada". Neste paradoxo, voluntário ou não das consciências, o historiador tenta se valer de suas "incertezas e dúvidas" para principiar no esclarecimento consciente do processo histórico e com vistas, no entender do saudoso Paulo Freire², à ins-

taurização de uma sociedade amadurecida e aberta ao diálogo desalienador. O que, aliás, nos remete também à constatação histórica de um passado adverso ao sonho hodierno e, portanto, susceptível à investigação e à percepção das intenções daquele devir social; passado que, naquele determinado momento, foi capaz de estabelecer, a partir de uma prática articulada entre os

"Estas práticas estruturantes afogaram o sujeito da história, de nacionalidade brasileira, numa espécie de torpor da consciência oprimida"

diversos meios estruturais da sociedade, uma figuração de mundo aceitável e real para todos como sendo a única possível.

A década de 50, por exemplo, revela-nos que estas práticas estruturantes afogaram o sujeito da história, de nacionalidade brasileira, numa espécie de torpor da consciência oprimida, fazendo com que se ajustasse aos interesses do poder constituído (regime populista)³. Assim, conforme P. Freire, "*a consciência oprimida na realidade não vive a própria vida, mas a vida que o opressor determina que deve viver. Não diz a própria palavra, mas a palavra comandada pelo opressor. Aqui se encontra o elemento mais desumanizante provocado pelas estruturas e pelas relações sistematizadas de dominação-opressão: o oprimido acaba aceitando a sua situação de dominado como um dado natural. Assume que é inferior, incapaz, pouco inteligente, uma espécie de ser humano de segunda categoria. Mais ainda, acaba vendo no opressor o modelo de pessoa humana a ser imitada, na medida do possível.*"⁴

Esta visão antropológica criou suas raízes num passado colonial e se perpetuou, criativamente e com suas devidas proporções, na história neocolonial

brasileira. Os marcos opressores do homem brasileiro na década de 50 se revestiram de uma roupagem conformista da situação social e assentaram-se, portanto, numa visão estática e a-histórica, unida a um dualismo antropológico, proposta pela própria Igreja e realizada, numa base meramente assistencialista nos compromissos sociais, pela elite política.

Além do mais, cabe salientar que o pós-guerra desenvolveu de maneira mais rápida e intensa o processo de industrialização, e acelerou, concomitantemente, o processo de urbanização da população, com todos os dramas humanos decorrentes. É fácil perceber que as mudanças no âmbito político-social e cultural se processaram em conexão com a industrialização, no imediato pós-guerra. Foi o choque da Civilização Industrial.⁵

Nesse mesmo processo, todavia, fracassa a tentativa de atingir um estado de desenvolvimento auto-sustentado. A realidade neocolonial mostra ao Estado brasileiro a distância que o separa do primeiro mundo.

Descobre-se que existem problemas estruturais a impedir o desenvolvimento, e uma profunda situação de alienação do homem, provocada pelas idéias desenvolvimentistas que prometiam benefícios para todos, por mecanismos institucionais centrados na dependência econômica e sujeitos às regras do jogo da política trabalhista⁶. Estas instituições, sujeitas também a um sistema denominado neocolonial, fabricaram comportamentos e impediram reações, dentro, é claro, das possíveis e existentes resistências.

Especificamente, a Igreja Arquidiocesana de Florianópolis colocou-se como um mecanismo estruturante de uma realidade pacífica, centrada nos interesses econômicos e no desenvolvimento do país, condicionada à visão moderna e europeizante. Dentro dos moldes de dependência e alienação, criou um estado de conformismo e aceitação, em que a população ficava à margem das decisões e ela própria tomava a iniciativa de intermediar os interesses sociais e de orientar as reivindicações de melhorias nas condições de vida e de trabalho.

Durante esse período, pôde-se observar que um dos assuntos básicos dos entendimentos entre Igreja e Estado foram os problemas de ordem socioeconômica, ou seja, "*a necessidade de melhorar as condições humanas da população, principalmente em relação aos habitantes do campo.*"⁷

Além do mais, a economia catarinense até 1960 repousava basicamente na atividade agropecuarista, participando com 46, 81%, a maior parte destinada ao mercado nacional. As populações das zonas urbanas de Santa Catarina representavam apenas 17,85% do total populacional. Só a partir da década de 60 acelerou-se o processo de urbanização e de industrialização.⁸ Portanto, o homem do campo tinha um papel importante na construção da pátria. Em Santa Catarina tornava-se ainda mais importante, uma vez que representava a

força produtiva do Estado e o protótipo do cristão autêntico.

Não é preciso acentuar as consequências altamente benéficas, para a coletividade, da interferência do clero junto aos agricultores para estimulá-los, orientá-los e auxiliá-los na solução de seus problemas, muitos deles pendentes de providências da administração pública.

(...) O Brasil precisa de mais religião e de mais produção agropecuária!⁹

O fato acima citado era original e único na história da Igreja local. Além do mais, colocava o sacerdote como o elemento mais indicado para estimular a produção e pôr os agricultores, nesse caso, em contato com os técnicos, dando-lhes apoio e legitimidade, "porque o colono tem alergia por tudo que o leva fora de sua marcha rotineira, nem dá espaço

"Um dos assuntos básicos dos entendimentos entre Igreja e Estado foram os problemas de ordem socioeconômica"

aos engenheiros agrônomos que lhe vêm ao encontro."¹⁰

Tal iniciativa granjeou simpatias do próprio Ministro da Agricultura Dr. João Cléofas, que em carta ao Arcebispo Metropolitano D. Joaquim Domingues de Oliveira, manifestou sua satisfação pela iniciativa do clero catarinense em relação aos trabalhos de incre-

mento à produção agrícola.

Exmo. Reverendíssimo.

Ao tomar conhecimento da feliz iniciativa de V. Excelência Reverendíssima, promovendo a colaboração do clero catarinense nos trabalhos de incremento da produção agrícola nacional, apresso-me a levar-lhe minhas mais vivas congratulações, bem assim meus mais sinceros agradecimentos por essa obra de tanta expressão.

(...) compreendendo a nobreza dessa missão, que garante a prosperidade nacional em bases sólidas, traz agora o clero catarinense mais outra maneira de contribuir para o bem-estar das populações brasileiras.

(...) Rogo a V. Excia. Rev. receber minhas mais respeitadas congratulações por esse movimento que iniciou junto ao clero catarinense, certo de que o exemplo servirá para que, nos demais Estados da Federação, igual iniciativa se faça sentir...¹¹

O próprio governador do Estado, Dr. Irineu Bornhausen, personificava em seus discursos o tipo-

ideal do verdadeiro colono. Assim, o espaço rural era tomado em uma nova base significativa, em oposição ao espaço urbano. O campo representava o lugar da virtude, salvo dos perigos da cidade e dos vícios modernos. Desta maneira, era preciso, também, que o próprio espaço social, urbano e rural, fosse higienizado e estruturado conforme as bases elementares da produção industrial e agrícola.

Blumenau em dias úteis: que movimento intenso! Um trabalhar e labutar, num esforço sério; parece que aí não há vadios; não há os sem-trabalho.

Blumenau de noite: às 04:15 da madrugada... calma absoluta, silêncio profundo, religioso - o descanso justo e merecido após o trabalho consciencioso!¹²

A própria estrutura familiar, ancorada no que preceituava a ética familiar cristã, requeria um número significativo de filhos, a fim de gerar o excedente produtivo, aumentando a renda familiar e conseqüentemente o desenvolvimento do País. O que, segundo Donzelot, significa dizer que "a higiene social é uma ciência econômica, tendo por objeto o capital ou material humano, sua produção ou reprodução, sua conservação, sua utilização e seu rendimento."¹³

Assim, o projeto católico estimulava a pedagogização de um corpo saudável, apto para o trabalho e que fosse capaz de se sacrificar pelo progresso da pátria, numa espécie de paradigma de santificação e de sublimação dos prazeres instintivos. Segundo Delumeau, "para a Igreja, o sofrimento e a aniquilação do corpo são menos temíveis do que o pecado e o inferno. O homem nada pode contra a morte, mas lhe é possível evitar as penas eternas."¹⁴ Assim, sob o ponto de vista da eternidade - *sub specie aeternitatis* -, o indivíduo era convocado a salvar a humanidade através do "trabalho honesto, que tanto elevava a criatura humana."¹⁵

A dimensão espiritual era enfocada e a dimensão material era desvalorizada sob o influxo da salvação no mundo e na história. Resgatava-se uma corporeidade enquanto elemento de alcance moral e de acordo com o propósito capitalista da ordem instituída. Portanto, concebia-se uma visão estática da história, já que a realização suprema era a eternidade. As mudanças, as tensões e as crises sociais eram vistas, neste caso, como ocorrências acidentais e periféricas da ordem social. Como conseqüência, esta estrutura provocava o aparecimento antropológico da consciência oprimida, dominada, apática ao protagonismo histórico, criando um homem passivo, fatalista e submisso.

Foi nesse sentido que a Igreja Arquidiocesana se mobilizou em torno de uma campanha de fomento à produção agropecuária, baseada naqueles princípios da moral cristã e das relações de trabalho, uma vez que "os mecanismos de poder", segundo Foucault, "dirigem-se ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar,

ao que reforça a espécie, o seu vigor, a sua capacidade de dominar ou a sua aptidão para ser utilizada.”¹⁶

Enfim, o discurso católico constituiu-se a partir de uma prática articulada entre os diversos meios estruturais da sociedade a fim de construir uma figuração de mundo que fosse capaz de “orientar” as reivindicações de melhorias nas condições de vida e de trabalho.

Esta postura discursiva tentou normatizar o espaço social e disciplinarizar os corpos a partir da produção e da veiculação de um determinado saber, fazendo com que o sujeito histórico se ajustasse aos interesses do poder constituído. Por conseguinte, foi possível plasmar uma sociedade baseada no ordenamento relacional da atividade econômico-produtiva e nas regras cristãs do convívio social, mas que impediu esta mesma Igreja, na época, de ir além do assistencialismo e do mero reformismo nos compromissos sociopolíticos.

NOTAS

¹ Cf. FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

² Cf. FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, 1971.

³ O populismo apresentou uma nova forma de organização política que incorporou ao jogo de poder as massas populares, manipulando-as, mas atendendo a algumas das suas reivindicações. Cf. IANNI, Octávio. *A Formação do Estado Populista na América Latina*. São Paulo: Ática, 1989.

⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, 1974, pp. 53ss.

⁵ Cf. BRUNEAU, Thomas. *O Catolicismo Brasileiro em época de transição*. São Paulo, 1974.

⁶ O cultivo da popularidade junto às massas se deu, de modo prático, através da promulgação das leis trabalhistas em 1952, estabelecendo ajuda aos acidentados no trabalho e adicionais por insalubridade, o aumento em 1953 do salário mínimo em 100%, que se encontrava congelado desde 1943, além da idealização do “Plano de Metas” como possibilidade de avanço das forças produtivas.

⁷ AZZI, Riolando. *A Neocrisandade: Um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 143.

⁸ Ver: PELUSO Jr., Victor A. A Evolução Urbana de Santa Catarina no período de 1940 a 1970. *Revista do IHGSC*. 3.^a fase, n.º 1, II semestre, 1979.

⁹ O Clero catarinense na Batalha da Produção. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de janeiro de 1954, n.º 564.

¹⁰ idem.

¹¹ Carta do Ministro da Agricultura Dr. João Cléofas a D. Joaquim D. de Oliveira pela iniciativa de fomentar a agricultura no Estado. *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 de abril de 1954, n.º 568.

¹² *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de janeiro de 1946, n.º 374.

¹³ DONZELOT, Jacques. *A Política das Famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980, p. 168.

¹⁴ DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 36 e 37.

¹⁵ *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 de janeiro de 1948, n.º 421.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *A vontade de saber* (História da Sexualidade I). Lisboa: Ed. António Ramos, 1977, p. 105

* Professor Assistente do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina e Doutorando da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Igreja em Santa Catarina

Prece de um Bispo

Pe. Juventino Kesting*

Humildemente coloco-me diante de ti, ó Deus, respondendo “Sim” ao chamado para servir a tua Igreja através do Ministério episcopal. Sou consciente da minha pequenez, dos meus limites e do ônus que este Ministério representa.

Mas conto com a tua graça para realizar essa missão com amor, com dedicação e com fidelidade a ti, à tua Igreja e ao teu Povo.

Para minha ordenação sacerdotal escolhi o lema: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para evangelizar” (Lc 4,18). Esse lema foi durante a minha vida presbiteral a mística iluminadora para a missão.

Diante da solicitação da tua Igreja para eu assumir o Ministério Episcopal, sinto-me pequeno, pois sei que “temos este tesouro em vasos de barro, para que transpareça claramente que este poder extraordinário provém de Deus e não de nós” (2Cor 4,7). Confio na tua graça, Senhor, conforme a admoestação de Paulo a Timóteo: “Eu te exorto a reavivar a chama do dom de Deus que recebeste pela imposição de minhas mãos” (2Tm 1,6). Como Maria, que “perturbou-se com estas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação” (Lc 1,29), mas, ao perceber que era a tua vontade, humildemente inclinou-se e disse: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38),

com esse mesmo espírito coloco-me diante de ti, diante da tua Igreja, e pronuncio o meu "sim" a este ministério que a Igreja me confia.

Escolhi como lema: "enviou-me para Evangelizar". Experimento nesta frase, proclamada por Jesus na Sinagoga de Nazaré, a síntese do ministério, a fonte da espiritualidade e a prioridade da missão.

Senhor, te peço nesta prece, que eu seja um verdadeiro pastor: acolhedor, cheio de ternura, que acredite teimosamente no diálogo, que confie na sabedoria do povo e sobretudo em Deus. Que eu me deixe guiar pelo teu Espírito. Que eu realize uma pastoral em função da vida, que seja amigo do povo, companheiro e irmão dos sacerdotes e que tenha paciência histórica. Que eu seja um ardoroso missionário: pai-mãe-irmão-amigo e que exerça o ministério com entusiasmo e com alegria.

Peço-te, Senhor, que eu tenha a coragem de andar de ônibus, de entrar nos barracos e na alma do povo... e beber na fonte onde o povo bebe. Senhor, que eu seja capaz de criar muitos laços, muitas amizades com ternura de Mãe, com coração de criança, com mãos ágeis e leves para agir e para consolar.

Peço-te, Senhor, que eu seja um bispo de muita oração, que saiba ouvir e falar-te, que saiba escutar, ver e sentir com o coração, que seja humano e que saiba juntar a firmeza com a ternura. Senhor, ajuda-me a ser um Bispo-profeta a exemplo de teu filho Jesus, cheio de indignação ética e denunciador da injustiça, mas também anunciador da tua ternura e do teu amor, capaz de acalentar o sonho e a esperança. Que eu seja capaz de sonhar, mesmo quando se faz escuridão.

Senhor, te peço que, no decurso de minha vida, eu tenha casa e coração abertos para acolher a todos, especialmente os abandonados, fracos e indefesos.

Que eu tenha a coragem de carregar nos ombros as dores e os anseios do teu povo.

Que eu jamais deixe apagar-se a teimosia do "fogo da sarça ardente", como na vida de Moisés, que eu tenha a tenacidade e a coragem de Josué, que saiba me alimentar do doce-amargo da Palavra de Deus como Ezequiel, e que eu tenha uma verdadeira paixão pela causa do Reino.

Vivo a experiência do êxodo para uma nova terra, mas rogo a ti, ó Deus, e peço a intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe do teu Filho e Mãe da Igreja, para que eu seja fiel a este compromisso evangelizador, numa atitude de serviço, na dimensão samaritana, com muita misericórdia, ternura e amor ao teu Povo. Que tu, ó Deus caminheiro, estejas à minha frente para abrir o caminho, que estejas às minhas costas para que eu não desanime, à direita e à esquerda para que leve junto o povo, o rebanho que me confias.

Amém.

Florianópolis, SC, 10 de Dezembro de 1997

- * O Autor, desde 1991 professor no ITESC, foi eleito Bispo de Rondonópolis, MT, no dia 19-11-97
- Ordenação episcopal prevista para 08-03-1998, em Tubarão
- Início do episcopado em Rondonópolis, MT, no dia 22-03-1998

Endereço do Autor:

Caixa Postal 150
78700-970 RONDONÓPOLIS, MT

CONTRIBUIÇÃO PARA A REVISTA

Continuamos confiando na sensibilidade dos que recebem os nossos ENCONTROS. Este número, novamente se apresenta com farto material. Queiram enviar-nos, ao menos, R\$ 5,00 como contribuição, para ajudar-nos a oferecer aos agentes pastorais de Santa Catarina estes subsídios. Como das outras vezes, incluímos um envelope devidamente endereçado. Não se esqueçam de identificar o remetente... e Deus lhes pague.

ENCONTROS TEOLÓGICOS
ITESC - caixa postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC